

CINEMATECA PORTUGUESA-MUSEU DO CINEMA  
ANTE-ESTREIAS  
24 de janeiro de 2024

## DESTINO HORIZONTE / 2023

Realização: Henrique Brazão Barroso / Argumento: Henrique Brazão Barroso e Valdo Wong / Diretor de Fotografia e Operador de Câmara: Boris van Es / Assistente de Imagem e Correção de Cor: Pedro Cardoso / Diretor de Som: Francisco Lobo / Desenho e Misturas de Som: Filipe Chagas / Com: Valdo Wong, Alice Ruiz, Tiago Mateus, Catarina Van Es.

Produção: Vânia Van Es e Serena Ramovecchi / Cópia: DCP, cor, 27 minutos.

\*\*\*

**Destino Horizonte** é apresentado juntamente com **Eu Estou Aqui**, de Bárbara Henriques e Jorge de Carvalho, **Edmundo**, de William Vitória e **Ponto Final**, de Miguel López Beraza ("folha" distribuída em separado).

Com a presença dos realizadores

\*\*\*

Em DESTINO HORIZONTE seguimos um refugiado que, após ter sobrevivido a um naufrágio, tenta enfrentar os desafios de uma sociedade que o encara como uma ameaça. Nesta luta pela sobrevivência, a sua jornada revelará a delicada fronteira da existência humana, propondo uma lição de humanidade.

Cinema é a realização dos planos a que conseguimos dar sequência. Pelos princípios que nos guiam, aos finais que procuramos. Cinema é assim uma memória viva que se alimenta de momentos singulares. Vive de sonhos que se reproduzem a cada nova ligação com a emoção de um espetador. E de atos de paixão e loucura de quem neles se envolve. Faz-se de fragmentos, mas também de continuidade. Ou de totalidades impossíveis de associar. E repetir.

A cultura cinematográfica ao longo dos seus quase 130 anos atravessa um momento singular fulgor na criação audiovisual, e com meios cada vez mais ao nível do cinema independente, conseguem-se resultados surpreendentes, mas é de notar que na relação com os ecrãs que hoje em dia maior parte dos filmes para as massas apresentam tempos médios de planos de 4 e 5 segundos. E é assim que contrariando a tendência do cinema de mainstream, se projeta a dimensão do plano sequência, que dispensa a montagem entre planos. Mais do que uma planificação que se funde com a montagem, que à posteriori decide o resultado final do filme, este é um plano à priori, consequência da preparação e da escolha do realizador na sua execução, sendo o resultado final resultado de todos os fatores e imponderáveis que envolvem a sua preparação e produção, potencializando através do sentido de urgência de toda a cena que se desenvolve em tempo real, o que permite ao espetador não se desligar do desenvolvimento da ação.

Em 1927 assistiu-se ao primeiro plano sequência com “Aurora” de F. W. Murnau. Mais tarde, explorou Hitchcock em “A Corda” de 1948, um filme aparentemente todo em plano sequência, mas onde os cortes eram habilmente ligados pelo realizador, através de montagem invisível, a mesma técnica na qual “1917” de Sam Mendes se inspira. Existem alguns outros exemplos, como a cena inicial de “Touch of Evil” (1958) de Orson Welles, ou mais recentemente “Victoria” (2015) de Sebastian Schipper, um filme todo filmado em plano sequência que inspirou a série “O Colapso”. Também filmes como “Soy Cuba”, Mihail Kalatozov, com o seu impressionante plano utilizando uma estrutura móvel em movimento, leva a imaginar a complexidade da realização e coordenação de todos os meios envolvidos na ação, subindo e descendo pelos edifícios, atravessando as paredes através das janelas, mergulhando o olhar na ação. Não apenas ao nível da produção de um plano desta natureza, mas também da dramaturgia e da mise-en-scène, que dispensa o corte a meio da ação. Em vez disso o realizador guia-nos dando-nos a mão sem a largar como Béla Tarr faz magistralmente em várias sequências dos seus filmes.

Como propunha André Bazin, defensor de um realismo no cinema, corresponde à afirmação de um cinema puro, de momentos irrepetíveis, sem a montagem ao serviço de uma ideologia, no 1.º volume dos “Les Cahiers du Cinéma”, “não é apenas a ‘gravação’ passiva de uma ação fotografada no mesmo quadro, mas, ao contrário, a recusa do desmembrar do evento, de analisar no tempo a área dramática é uma operação positiva cujo efeito é superior ao o que poderia ter sido produzido pela montagem clássica”.

Um plano sequência é um fluxo sem cortes através da urgência das personagens no décor. Com o *Neorealismo Italiano*, com a utilização de décors naturais e personagens reais, o desenvolvimento do *Direct Cinema*, com o sincronismo no momento do registo do vídeo, de som e imagem, a utilização de lentes *zoom* (que significou uma alternativa muito mais barata que a *dolly* e o uso dos *travellings*), o desenvolvimento do *steadycam* e mais tarde a *Revolução Digital* que permitiu filmar além da limitação do tempo de cada bobine ou cassete, tornou-se possível o desenvolvimento de momentos únicos enquanto planos sequência. E até onde iremos um dia (já hoje!?) com a *Inteligência Artificial*?

Para tal e partindo da interrogação “Como figurar a busca de uma ausência?”, desenvolvi o projeto independente de curta metragem “Destino Horizonte”. Parti assim com estes objetivos que decidi fundir: um plano sequência, a meta de realização que me propus produzir durante o meu Mestrado em Realização e Dramaturgia, e um personagem, um Refugiado, um homem por agora sem outro nome, que me acompanha desde o meu segundo filme, chamado “Sem Refúgio”.

Propus-me com este projeto, e falando como lisboeta, com família, mas sem filhos, agnóstico, de um ponto de vista de quem vive no conforto possível nesta Europa de 2023, refletir sobre a temática dos refugiados, mas também dos limites e das relações humanas numa visão humanista. Sem impor uma leitura ao meu projeto, gostaria que o espetador parta antes comigo para uma reflexão que ofereça novos caminhos àqueles que chegam, mas também àqueles que aqui estão, lembrando o percurso dos que já partiram.

Com estes objetivos em mente ocorreu-me uma história que acabou por juntar duas temáticas sociais, que me tocam particularmente por razões diferentes: mais de 114 milhões de deslocados em que se inclui a migração dos refugiados, mais de 36 milhões em todo o mundo. Temática que já abordei num outro filme da minha autoria, chamado Sem Refúgio (2018), que creio ser “a” questão social que marcará o próximo século nomeadamente devido aos conflitos que despoletam na Ucrânia, em África, na Palestina e no Médio Oriente, podendo muitos outros ser despoletados devido às mudanças

climáticas e à falta de água potável em certas partes do Globo Terrestre. Faz-me pensar na forma tantas vezes xenófoba, outras tantas, fundamentando-se nas questões com que o mundo enfrentou o problema do terrorismo, das crises económicas e do desemprego. Há que procurar lidar com esta questão, que levanta problemas sociais e económicos complexos, sem deixar de “respeitar o “outro”. E é essa visão humanista que procuro defender.

Aliei esta temática à doença social da sociedade ocidental, que tendo os meios lhe falta, o engenho, a paixão e a gratidão. E em tantos casos a saúde mental e a vontade de viver. Pelo menos por agora, enquanto limitados *Homo Sapiens*, sabemos que à nascença temos como dado adquirido a nossa finitude. Desde que nascemos, no primeiro ato da nossa vida, até que morremos, no acto final da nossa história, seguimos um fluído constante de existência. Mas todos atravessaremos crises na vida e é, por vezes, esta continuidade interrompida por uma antecipação destruidora; ou então pela afirmação de uma catarse inspiradora. E só assim damos verdadeiramente um salto na emoção. É preciso “antecipar o futuro porque temos medo” e “encenar a morte para poder viver”, como me falava Graça Castanheira nas suas aulas de mestrado.

É também para isso que existe a cultura e a ficção, para que os nossos heróis vivam a ação que neles projetamos, para que possamos desenvolver projetos que nos transportem mesmo para lá dos limites que conhecemos de forma a projetar o futuro, sem esquecer o passado, nada como viver o momento, pautando-o com a vida dos nossos avatares. E é também esse o papel do artista, o de buscar figurações para as suas ausências: de algo ou de alguém, uma busca que pode ser material, mas que não deve perder a sua bússola espiritual, afirmando com um cunho pessoal uma verdade que traga um pouco de luz à caverna onde todos nos encontramos.

Baseado na série “O Colapso” do coletivo francês *Les Parasites*, uma perspetiva do apocalipse convida à ação climática, propôs-me realizá-lo com meios de produção ao nível do cinema independente e com a ajuda dos de todos os que comigo colaboraram, colocando-me também no papel do espectador e procurando integrar os inputs de orientadores e de toda a equipa de forma a obter o melhor resultado possível, mais do que uma visão ego centrada. Na metamorfose de uma ideia, a afirmação de uma verdade pessoal que quero partilhar e a que gostaria de dar continuidade. “Porque um outro colapso é possível”!

Somos uma linha unindo dois pontos. Por vezes surgem pontos e vírgulas no caminho, mas vivemos em consequência da nossa sequência de vida. Somos assim uma espécie de personagens num filme que produzimos sem verdadeira noção da sua escrita. É aí que para mim reside o encanto de fazer cinema que nos permite realizar sonhos despertos, definindo o nosso próprio guião, o que nos permitirá viver muito além do nosso próprio desfecho? Partilhemos e continuemos a evoluir. A vida pode por vezes ser dura, mas é pelo *Pathos* que chegamos à *Gravitas*. É pela Paixão e o Sofrimento que chegamos à Responsabilidade. Sejamos Humanos!

Henrique Brazão Barroso